

17

como acentua Ma-
o indígena à nossa
o colocá-lo já, de
grande sociólogo
dade, ocupando-se
er defeito da raça
a luxúria, a deprava-
os povos negros da
ior moderação do

de zelar por todos
responsabilidades
a que estão sob o
o trabalha; a mu-
o entanto, é a ela
bém trabalhar nos
sti-la nas doenças,

às mulheres casa-
onsoante as posses
os alimentícios. O
As mães, para que
«xikungo» ou óleo

bidas alcoólicas e
ou da castanha do
regado de fruto, o
ido prostrado pela
r-se, a cocaína dos

etar pela complexi-
nos característicos
e velhos. É o batu-

que qualquer coisa de impressionante: ouvi-lo, a altas horas da noite, numa gritaria infernal, provocada por todos os que nele tomam parte; apreciar os atléticos e grotescos saltos guerreiros; ver a poeira através das grandes fogueiras, não nos entusiasma — empolga-nos; não nos arrebatam — esmaga-nos! O batuque está na alma negra de tal maneira arreigado que dificilmente se conseguirá aboli-lo, além de ser o elemento mais importante das suas manifestações.

Há batuques por tudo e por nada: nos casamentos, nos nascimentos, nos óbitos, nos êxitos de quaisquer empreendimentos, etc. De todos, o que mais aprecio, daquele que mais sinto «saudade» e que mais me empolga, é o batuque de guerra: ali, o europeu poderá verificar a agilidade e a virilidade de todos os que, com *azagaias*, *escudos*, *marimbas*, *gômas*, tomam parte. E, depois, ver como conseguem durante horas seguidas, em saltos mirabolantes, violentos, enfurecidos, em gritos sensuais, o cheiro desagradável da «cantiga», saído dos seus corpos alagados em suor, perder uma noite naquela orgia de cor e de ritmo demoníaco. Nele «sente-se, como escreve Rodrigues Júnior, a loucura do *muloi*, o corpo nu, trazendo na cintura e na carapinha hirsuta brancas penas de ave. Ginga num «sabat» demoníaco a estranha dança. A fogueira alta ilumina-o todo. Parece bronze tinto de sangue. A multidão ululante grita o entusiasmo que se lhe comunica do feiticeiro — que a faz delirar».

«O tambor — prossegue Rodrigues Júnior (6) — continua cadenciado. O bailarino obedece ao ritmo do bater das maçanetas toscas de pau no couro frouxo. E não pára o feiticeiro de gingar os quadris, febril — e de gritar como um possesso. Não pára de levantar os braços, de os agitar no ar, trementes, de dobrar-se e erguer-se, quase tocando as chamas altas. Faz movimentos de avanço e de recuo, rápidos, inquietos, enfurecidos, ante a pilha que arde, como se nessas línguas vermelhas que sobem alto dançasse e gritasse também o espírito de «muzimo», que parece inquietar a turba que bate palmas frenéticas — e dança e grita, e geme, e goza como doida».

(6) Rodrigues Júnior — «Para uma cultura moçambicana», págs. 167, Lisboa, 1951.

Campo, Octávio Rodrigues de
"A arte negra de Moçambique" in Portugal em África
Vol XIII, nº 78, Nov.-Dez. 1956, pp. 337-356.